



RECUPERAÇÃO COM PERDA DE VIGOR

MARÇO/2019

CONSELHO DO IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
Agnaldo Gomes Ramos Filho	Eldorado Brasil Celulose S.A.
Alberto Borges de Souza	Caramuru Alimentos S.A.
Amarílio Proença de Macêdo	J.Macêdo Alimentos S.A.
Carlos Eduardo Sanchez	EMS - Indústria Farmacêutica Ltda
Carlos Mariani Bittencourt	PIN Petroquímica S.A.
Cláudio Bardella	Bardella S.A. Indústrias Mecânicas
Claudio Gerdau Johannpeter	Gerdau Aços Longos S.A.
Cleiton de Castro Marques	Biolab Sanus Farmacêutica Ltda
Dan Ioschpe <i>Vice-Presidente</i>	Ioschpe-Maxion S.A.
Daniel Feffer	Grupo Suzano S.A.
Décio da Silva	WEG S.A.
Erasmus Carlos Battistella	BSBio Ind. E Com. de Biodisel Sul Brasil S.A.
Eugênio Emílio Staub	Conselheiro Emérito
Fabio Hering	Companhia Hering S.A.
Fábio Schvartsman	Vale S.A.
Fernando Musa	Braskem S.A.
Flávio Gurgel Rocha	Confecções Guararapes S.A.
Geraldo Luciano Mattos Júnior	M. Dias Branco S.A
Hélio Bruck Rotenberg	Positivo Informática S.A..
Henri Armand Slezzynger	Unigel S.A
Horacio Lafer Piva	Klabin S.A.
Ivo Rosset	Rosset & Cia. Ltda.
Ivoncy Brochmann Ioschpe	Conselheiro Emérito
João Guilherme Sabino Ometto	Grupo São Martinho S.A.
José Roberto Ermírio de Moraes	Votorantim Participações S.A.

CONSELHO DO IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
Josué Christiano Gomes da Silva	Cia. de Tecidos Norte de Minas-Coteminas
Lírio Albino Parisotto	Videolar S.A.
Lucas Santos Rodas	Companhia Nitro Química Brasileira S.A.
Luiz Aguiar	Membro Colaborador
Luiz Alberto Garcia	Algar S.A. Empreendimentos e Participações
Luiz Carlos Cavalcanti Dutra Junior	Mover Participações S/A
Luiz Cassiano Rando Rosolen	Indústrias Romi S/A
Luiz de Mendonça	Odebrecht Agroindustrial S.A.
Marco Stefanini	Stefanini S.A.
Marcos Paletta Camara	Paranapanema S.A.
Ogari de Castro Pacheco	Cristália Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda.
Olavo Monteiro de Carvalho	Monteiro Aranha S.A.
Paulo Cesar de Souza e Silva	Embraer S.A.
Paulo Diederichsen Villares	Membro Colaborador
Paulo Francini	Membro Colaborador
Paulo Guilherme Aguiar Cunha	Conselheiro Emérito
Pedro Luiz Barreiros Passos	Natura Cosméticos S.A.
Pedro Wongtschowski <i>Presidente</i>	Ultrapar Participações S.A.
Ricardo Steinbruch <i>Vice-Presidente</i>	Vicunha Têxtil S.A.
Roberto Caiuby Vidigal	Membro Colaborador
Rodolfo Villela Marino <i>Vice-Presidente</i>	Itaúsa - Investimentos Itaú S.A.
Rubens Ometto Silveira Mello	Cosan S.A. Ind e Com
Saló Davi Seibel	Duratex S.A.
Sérgio Leite de Andrade	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS
Victório Carlos De Marchi	Cia. de Bebidas das Américas - AmBev

RECUPERAÇÃO COM PERDA DE VIGOR

Introdução	1
Visão geral do PIB.....	3
O consumo das famílias e o investimento fixo à frente.....	5
O desempenho por setor	9
A indústria em detalhe	12
O Brasil frente a outras economias – o desempenho no 4º trimestre	15
O Brasil frente a outras economias – projeções para 2019.....	17

RECUPERAÇÃO COM PERDA DE VIGOR

Introdução

O PIB do Brasil cresceu 1,1% em 2018, mesma taxa de 2017, contrastando com as expectativas do início do ano passado, quando eram bem mais otimistas e apontavam para um dinamismo entre 2,5% e 3%, segundo a pesquisa Focus do Banco Central. Assim, continuamos longe de repor a retração do biênio 2015-2016.

Ademais, cabe observar que este desempenho do PIB brasileiro contrasta com o ritmo de expansão mundial em 2018, que, segundo as projeções mais recentes da OCDE divulgadas em mar/19, deve atingir +3,6%.

Esta Carta IEDI, que analisa o crescimento de nossa economia no ano passado, também mostra que, a despeito da mesma variação no acumulado do ano, 2017 e 2018 não foram tão semelhantes quanto parecem. Enquanto a recuperação ganhava força ao longo de 2017, terminando o ano com uma alta de 2,2% no 4º trimestre frente ao mesmo período do ano anterior, 2018 trouxe uma acomodação.

O período de crescimento mais acelerado em 2018 foi o 3º trimestre, em que apresentou uma variação de apenas +1,3% na comparação interanual, em alguma medida estimulado pela recomposição do nível de atividade depois das perturbações ocorridas no final de maio em função da paralisação dos caminhoneiros.

Pela ótica da produção, em 2018, o valor adicionado cresceu 1,1%, enquanto os impostos sobre produtos líquidos de subsídios, 1,4%. Os três grandes setores se comportaram da seguinte maneira:

- Os serviços foi o setor que liderou o crescimento, com alta de 1,3%, mantendo ritmo semelhante de dinamismo no 4º trimestre do ano (+1,1% frente a outubro-dezembro de 2017). As principais influências positivas vieram do comércio (+2,3% ante 2017), transporte e armazenagem (+2,2%) e atividades imobiliárias (+3,1%).
- A agropecuária, destaque em 2017, ficou praticamente estável, 0,1%, mesmo tendo bom desempenho nas comparações entre quartos trimestres de 2018 e 2017 (+2,4%).
- A indústria, por sua vez, cresceu no acumulado de 2018, mas foi pouco: +0,6%. Em outubro-dezembro, resvalou novamente para o terreno negativo (-0,5% frente a out-dez/17), algo que não ocorria desde o 3º trimestre de 2017.

- Ainda no tocante à indústria, esta cresceu em 2018 puxada pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), 2,3%, e pela indústria de transformação, 1,3%. A extração mineral, por sua vez, cresceu 1,0%, enquanto a construção retrocedeu 2,5%.

Ressalte-se que a indústria de transformação foi perdendo fôlego com o avançar de 2018 até cair 1,5% no 4º trimestre, ensejando preocupação acerca da continuidade da recuperação do setor. Com isso, tivemos mais um episódio de retrocesso da indústria de transformação na estrutura produtiva do país, que atingiu seu ponto mais baixo desde 1947: 11,3% do valor adicionado total.

Pela ótica da despesa, os destaques positivos ficaram sobretudo com a formação bruta de capital fixo, após longo período de retração, e o consumo das famílias, devido a seu peso combinado com uma taxa positiva.

- O consumo das famílias cresceu 1,9%, em 2018, puxando a economia e com o último trimestre (+1,5%) contribuindo para essa taxa, a despeito da desaceleração ao longo do ano.
- O consumo do governo ficou estável, após dois anos de retração.
- As exportações de bens e serviços cresceram 4,1% em 2018, menos do que crescera em 2017, enquanto as importações aumentaram 8,5%, o que assegurou uma contribuição negativa do setor externo para a recuperação da economia.
- A formação bruta de capital fixo (FBCF), enfim, cresceu no ano, 4,1%, sendo que 2013 foi o último ano no qual a FBCF tinha aumentado. Porém, em parte, este resultado reflete os efeitos contábeis das mudanças das regras do Repetro.

A boa notícia é que, desde modo, a taxa de investimento fixo parou de retroceder. Saiu de 20,9% do PIB em 2013 para 15,0% do PIB em 2017, recuperando-se ligeiramente, 15,8% em 2018. A má notícia é que este é um dos patamares mais baixos que já atingira.

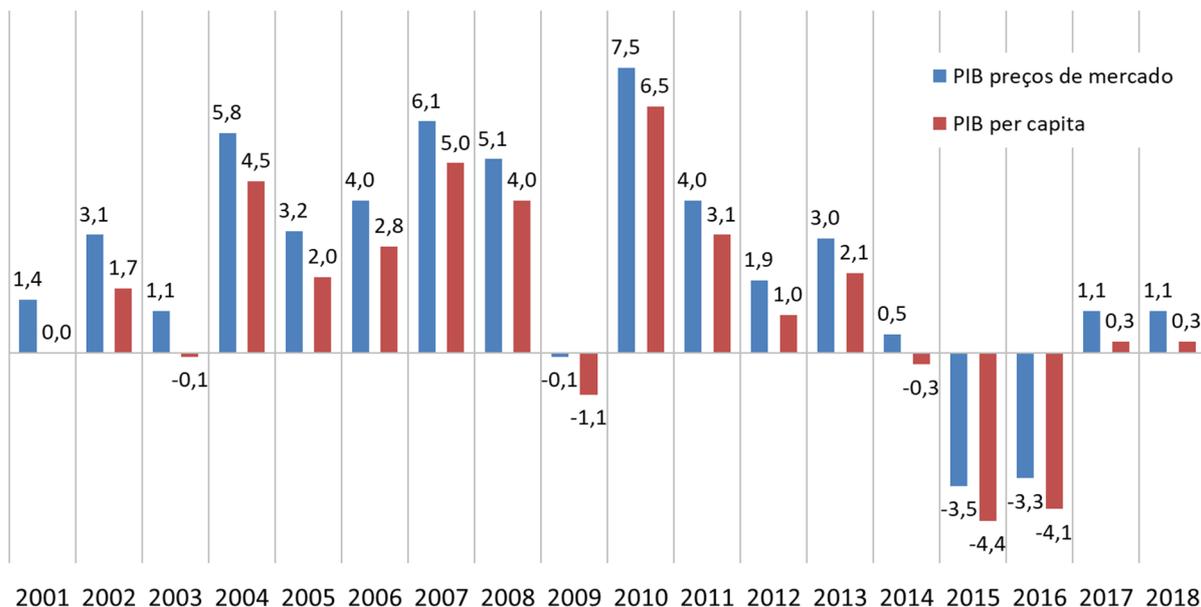
O baixo nível de investimento e sua marginal recomposição em 2018 é um destacado fator a bloquear um processo mais vigoroso de recuperação econômica. A produção tem se mostrado claudicante, notadamente a da indústria, que, por suas intensas e numerosas relações inter e intrasetoriais, afeta o conjunto da economia e frustra as expectativas de maior crescimento.

Visão geral do PIB

A economia brasileira cresceu 1,1% em 2018, puxada por expansão em todos os quatro trimestres do ano. Este foi o mesmo resultado registrado em 2017, significando que não houve ganho de velocidade da recuperação. Desse modo, o PIB per capita do Brasil variou discretamente, +0,2%, mesmo desempenho do ano anterior, quando interrompeu três anos seguidos de declínio. Mais do que crescimento esses resultados recentes implicam que o PIB per capita simplesmente parou de cair. Outros detalhes do quadro geral:

- Pelos dados dessazonalizados, no quarto trimestre de 2018, o PIB aumentou apenas 0,1% frente a julho-setembro, porém significando o oitavo trimestre seguido sem retrocesso;
- Na comparação entre outubro-dezembro último com igual período de 2017, a expansão atingiu 1,1%, representando também o oitavo trimestre consecutivo sem retroceder;
- A expansão de 1,1% em 2018 decorreu da ampliação de 1,1% no valor adicionado e de 1,4% nos impostos líquidos sobre produtos.

Variação % Real Anual do PIB a preço de mercado e do PIB per capita



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

**Principais Resultados do PIB a Preço de Mercado
4º Trimestre de 2017 ao 4º Trimestre de 2018 (%)**

Discriminação	4º Trim 2017	1º Trim 2018	2º Trim 2018	3º Trim 2018	4º Trim 2018
Acumulado no ano/ mesmo período do ano anterior	1,1	1,2	1,1	1,1	1,1
Últimos quatro trimestres/ quatro trimestres anteriores	1,1	1,3	1,4	1,4	1,1
Trimestre/ mesmo trimestre do ano anterior	2,2	1,2	0,9	1,3	1,1
Trimestre/ trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)	0,3	0,4	0,0	0,5	0,1

Fonte: IBGE – Contas Nacionais.

O consumo das famílias e o investimento fixo à frente

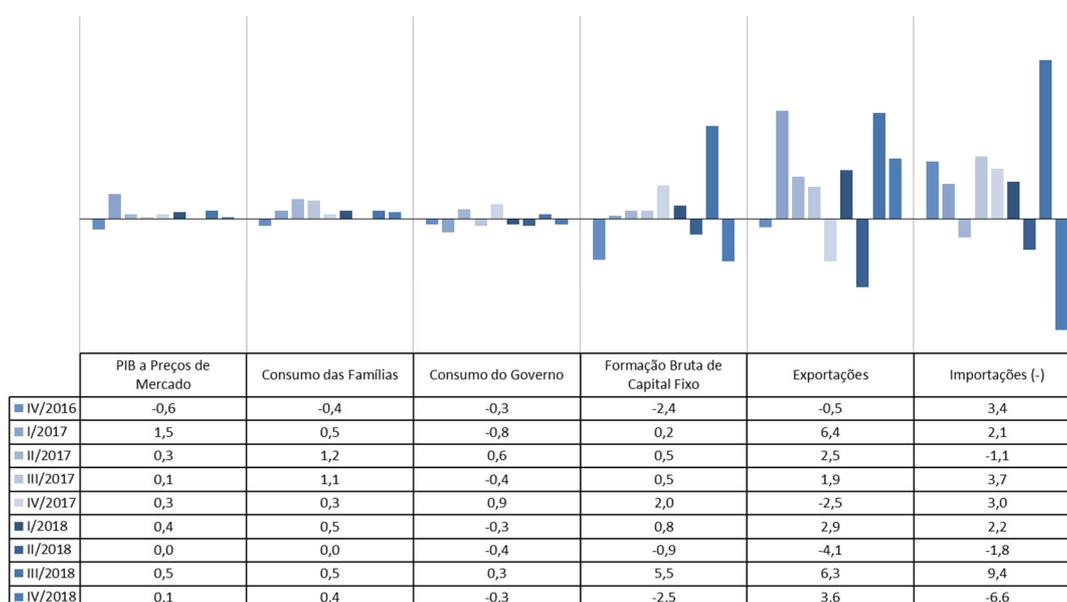
Pela série dessazonalizada, trimestre a trimestre, o Brasil fechou 2018 com taxas positivas nos quatro períodos, completando oito períodos seguidos de expansão, depois de oito trimestres ininterruptos de retração. Na passagem de julho-setembro para outubro-dezembro, o PIB cresceu comedido, 0,1%. Tal variação contou principalmente com o aumento de 0,4% no consumo das famílias. Já o consumo do governo, sofreu retração de 0,3%, enquanto a formação bruta de capital fixo (FBCF) declinou ainda mais, taxa de -2,5%. As exportações cresceram 3,6%, com as importações declinando 6,6%.

No contraponto entre quartos trimestres de 2018 e 2017, a expansão de 1,1% do PIB só não contou com incremento nos gastos do governo: queda de 0,7%. O consumo das famílias cresceu 1,5%. Já a FBCF logrou expansão de 3,0%. Já as exportações de bens e serviços cresceram 12,0%. As importações também aumentaram, 6,0%.

Tais números de outubro-dezembro concorreram para a expansão de 1,1% em 2018. No ano como um todo, os componentes da demanda que lideraram esse aumento foram o consumo das famílias, 1,9%, a FBCF e as exportações, com ambos crescendo no mesmo ritmo, 4,1%. As importações cresceram 8,5%, arrefecendo tais desempenhos. O consumo do governo, por sua vez, ficou estável.

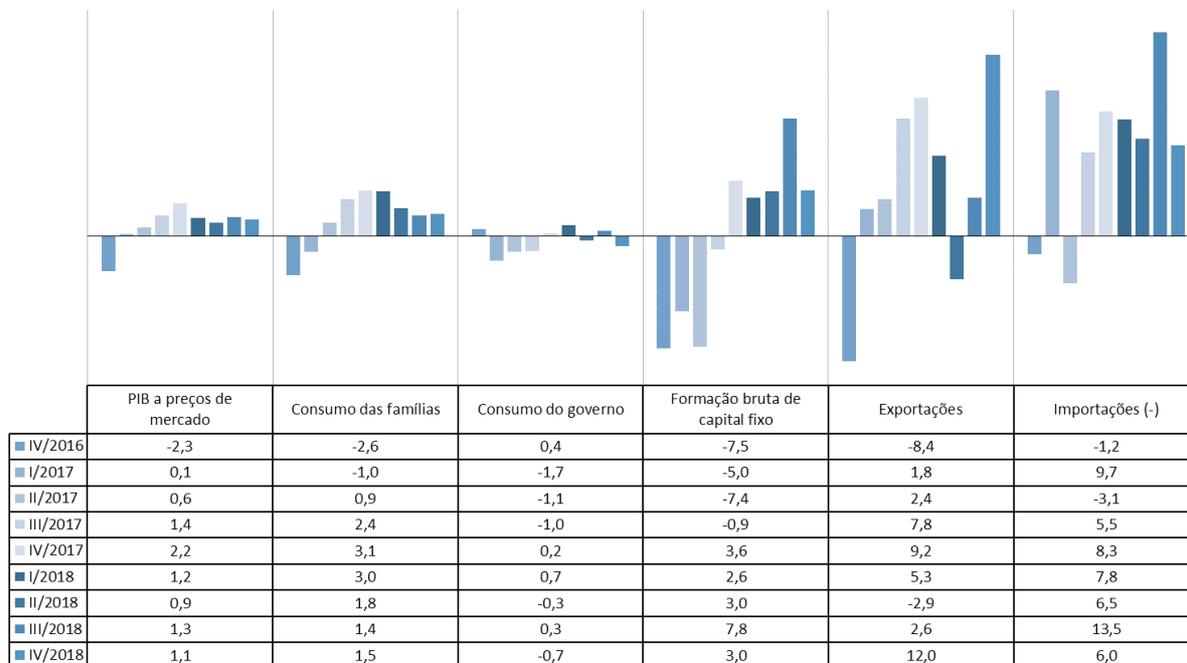
Assim, o consumo privado cresceu pelo segundo ano seguido, bem como as exportações. Já a FBCF cresceu após quatro anos de retração.

Desempenho Macroeconômico sob a Ótica da Demanda
Variação % no Trim. com Relação ao Trim. Anterior com Ajuste Sazonal



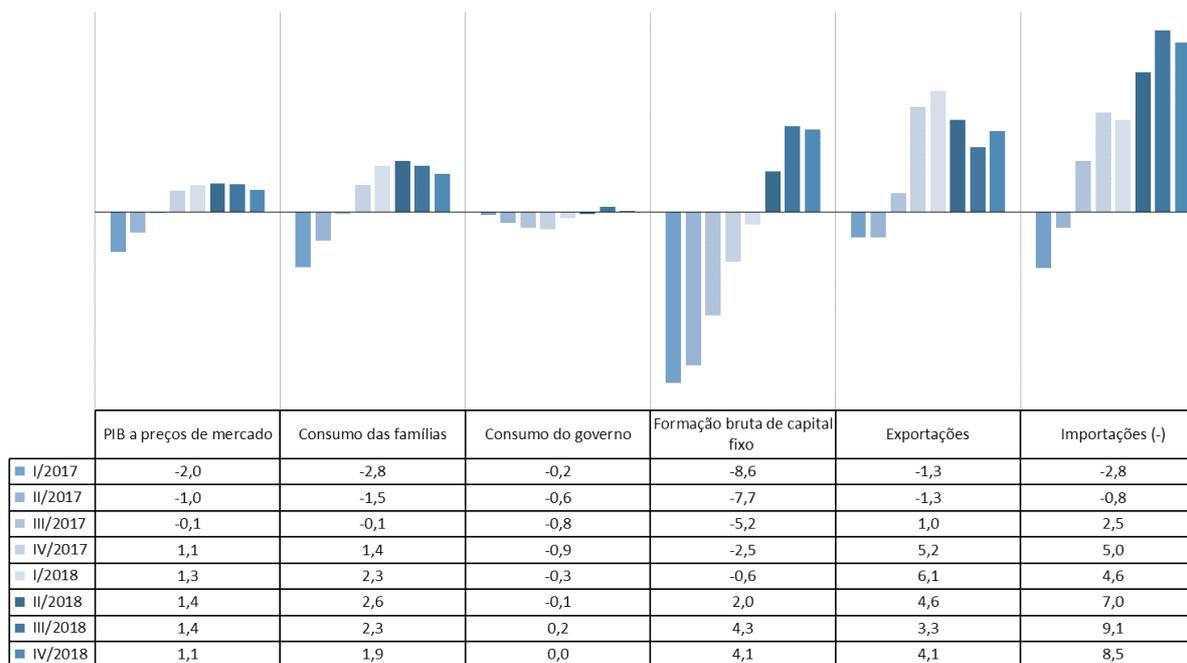
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

Desempenho Macroeconômico sob a Ótica da Demanda Variação % no Trimestre com Relação ao Mesmo Trimestre do Ano Anterior



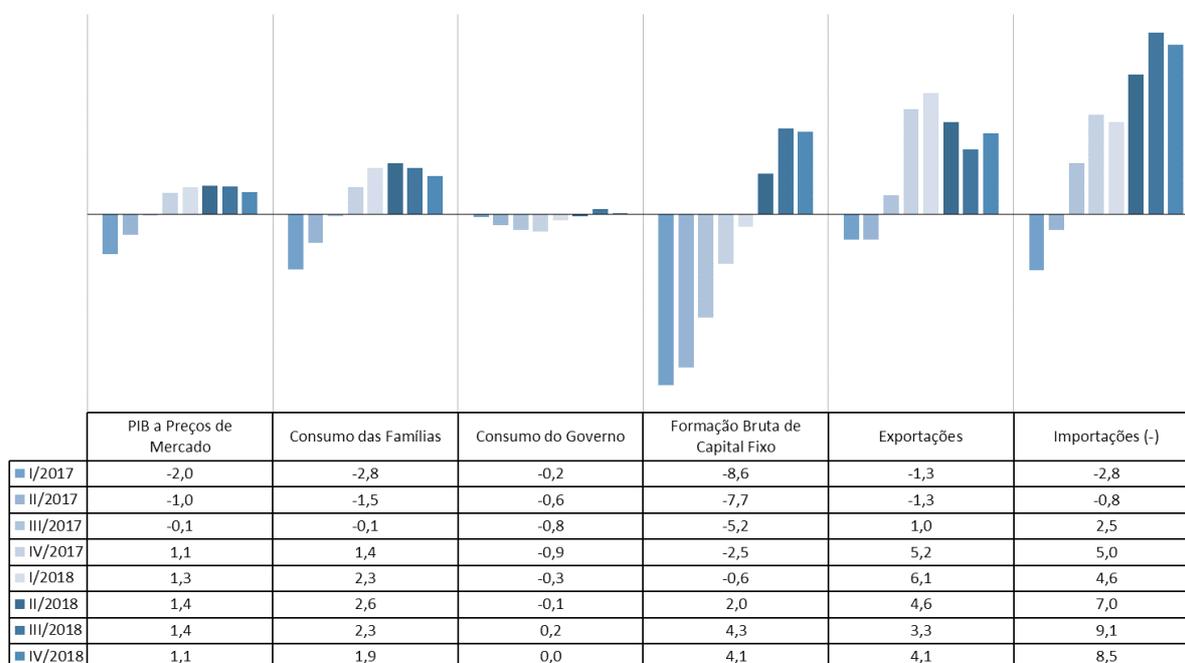
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

Desempenho Macroeconômico sob a Ótica da Demanda Variação % Acum. no Ano com Relação ao Mesmo Período do Ano Anterior



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

Desempenho Macroeconômico sob a Ótica da Demanda Variação % nos Últimos 4 Trim. com Relação aos 4 Trim. Anteriores

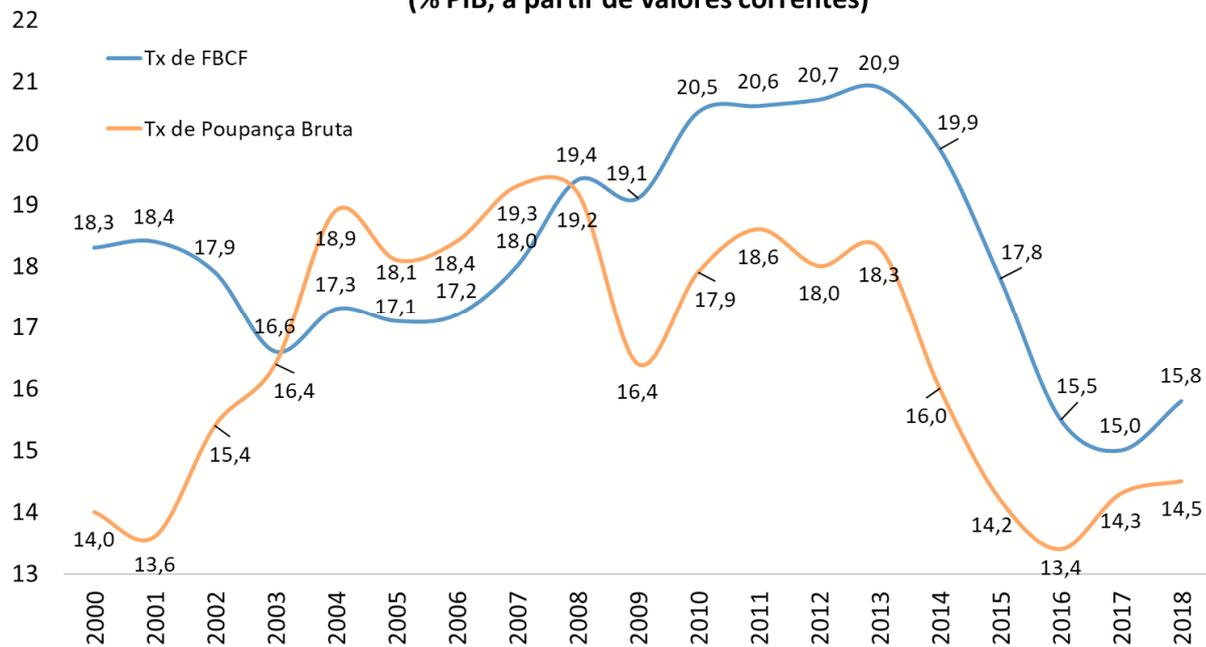


Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

Assim a taxa de investimento fixo, enfim, cresceu em relação ao ano anterior, de 15,0% do PIB para 15,8% do PIB no ano passado. Cumpre frisar que esta taxa se encontrava em 20,9% em 2013, quando começou a cair vertiginosamente.

Logo, os sinais de recuperação observados em 2017 se configuraram em mais investimentos em 2018, concorrendo para a recuperação econômica. No entanto a produção tem se mostrado claudicante e a recuperação ficou aquém do que se esperava no começo de 2018. Ademais a própria recuperação do investimento fixo no ano não pode disfarçar que, ao longo dos trimestres, esta não tem se mostrado consistente.

Taxa de Investimento Fixo e Taxa de Poupança Bruta (% PIB, a partir de valores correntes)



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração própria.

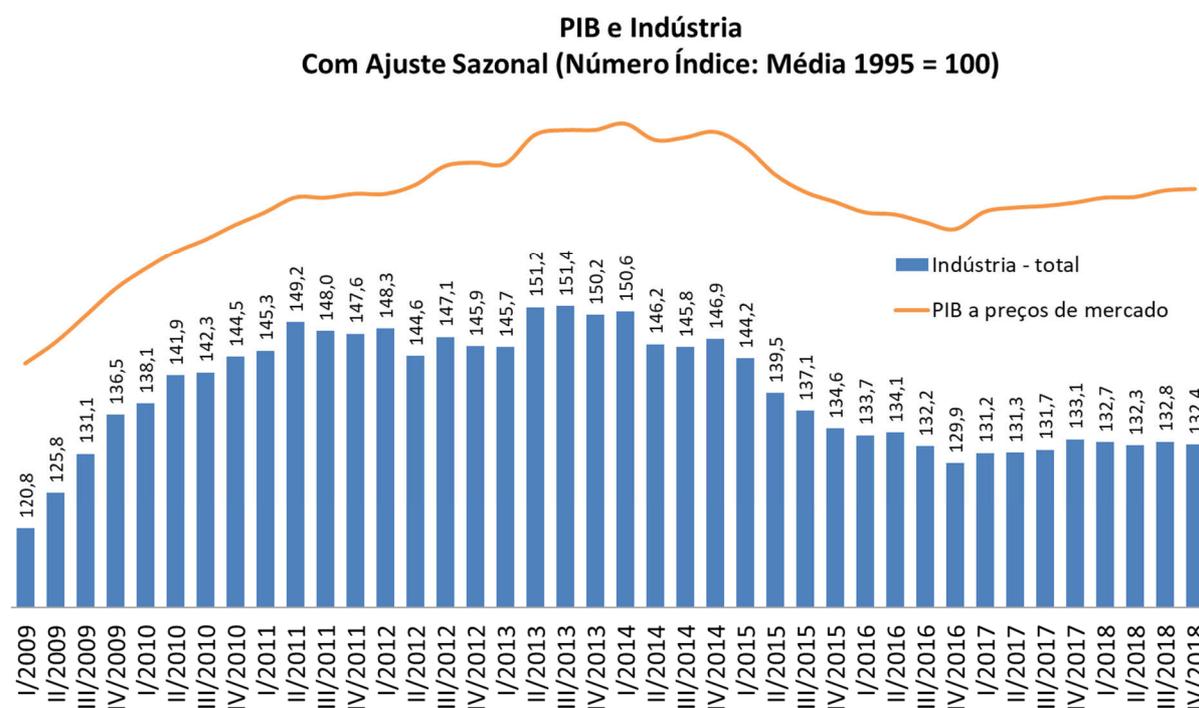
O desempenho por setor

Em 2018, a expansão de 1,1% do PIB a preços de mercado foi puxada tanto pelo incremento de 1,1% no valor adicionado (VA), quanto pelo aumento de 1,4% nos impostos líquidos sobre produtos. O crescimento do VA foi capitaneado pelo desempenho dos serviços.

Pelos dados dessazonalizados, a taxa positiva no quarto trimestre vis-à-vis o trimestre imediatamente anterior, acréscimo de 0,1% do PIB e de 0,2% do VA, teve à frente a agropecuária e os serviços, ambos com incremento também de 0,2%. A indústria decresceu 0,3% nessa base de comparação.

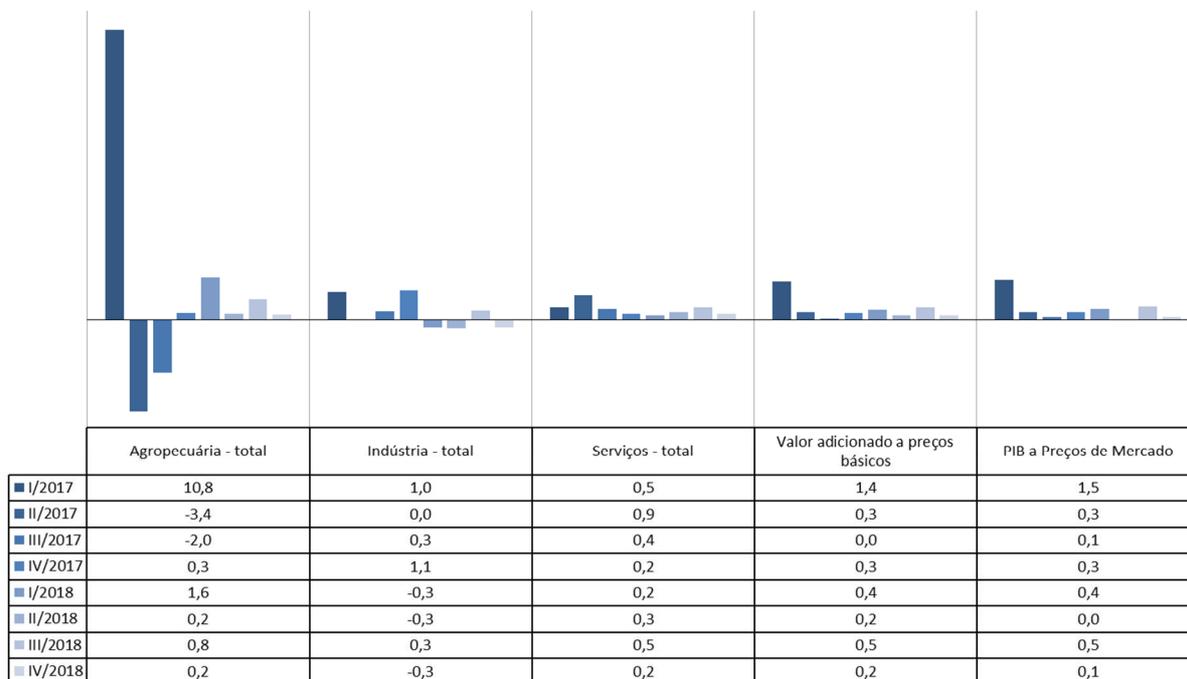
No confronto entre o último trimestre de 2018 e o mesmo período do ano anterior, o valor adicionado cresceu 1,2%. Nesse caso, a agropecuária se destacou com aumento de 2,4%, seguida pelos serviços, com expansão de 1,1%. A indústria retrocedeu 0,5%.

Já ao se contrapor 2018 e 2017, os serviços se sobressaem, logrando expansão de 1,3%. A indústria, a seu turno, conseguiu crescer 0,6%, apesar de um quarto trimestre pífio. A agropecuária apresentou acréscimo de apenas 0,1%, mesmo com as variações positivas do trimestre derradeiro do ano.



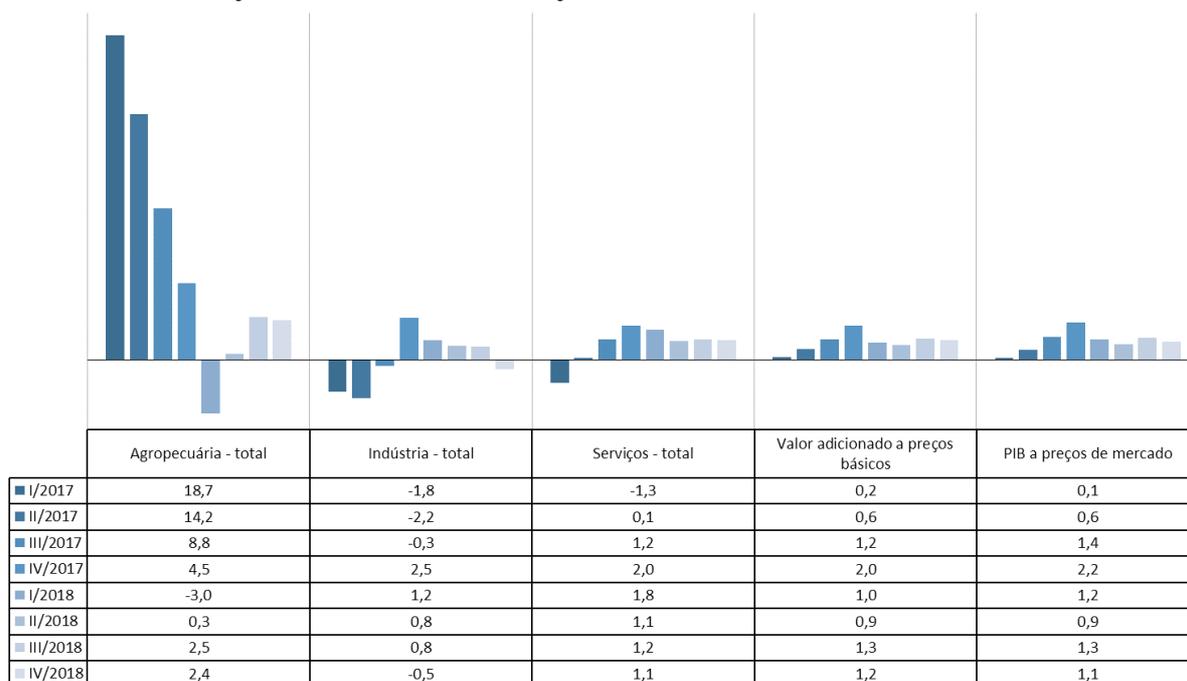
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB e Principais Setores da Economia
Varição % no Trim. com Relação ao Trim. Anterior com Ajuste Sazonal



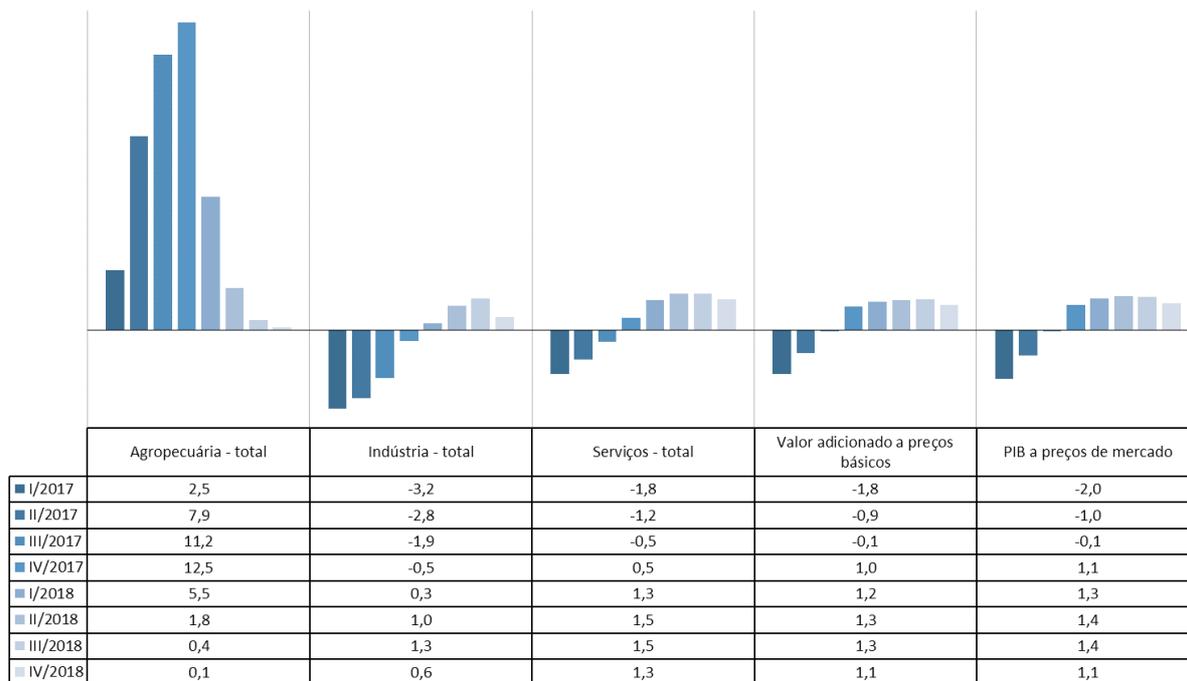
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB e Principais Setores da Economia
Varição % no Trimestre com Relação ao Mesmo Trimestre do Ano Anterior



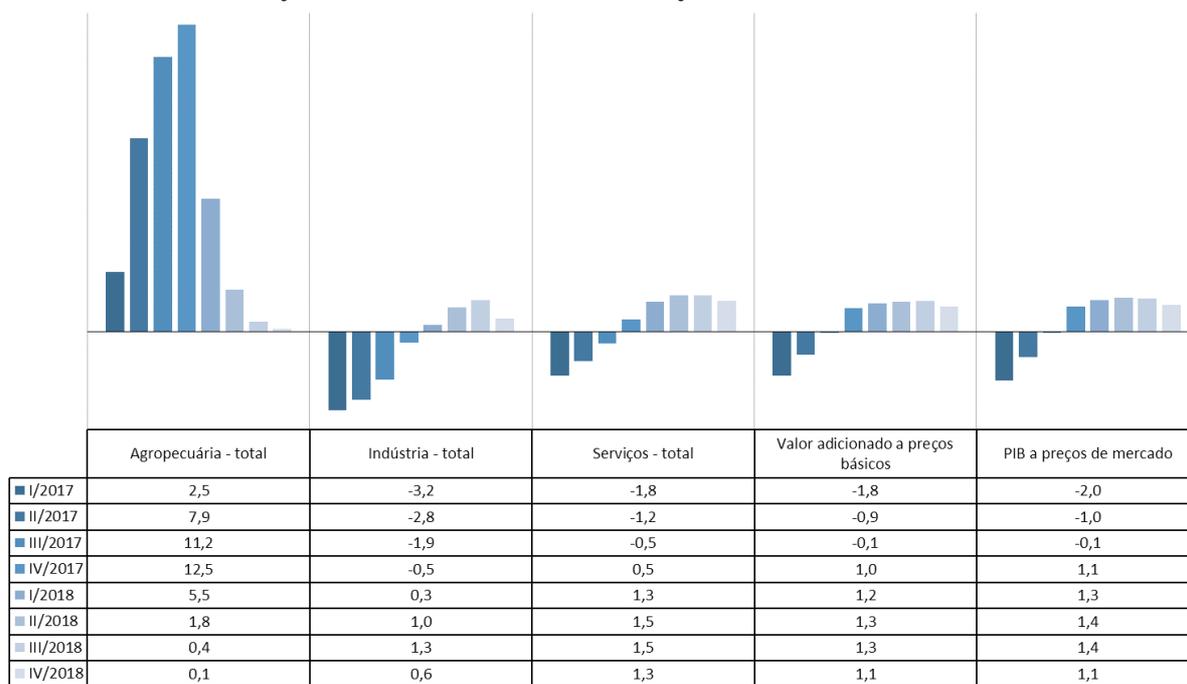
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB e Principais Setores da Economia
Varição % Acum. no Ano com Relação ao Mesmo Período do Ano Anterior



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB e Principais Setores da Economia
Varição % nos Últimos 4 Trim. com Relação aos 4 Trim. Anteriores



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

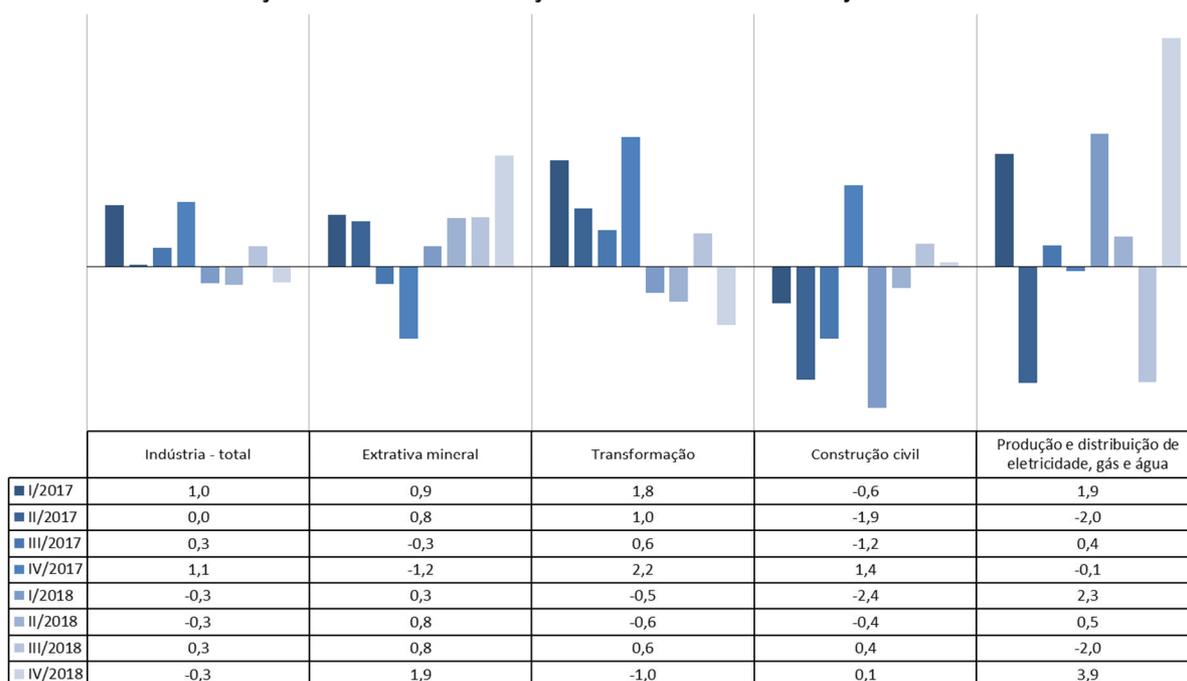
A indústria em detalhe

Atendo-se à indústria, na passagem de julho-setembro para outubro-dezembro pelos dados dessazonalizados, o decréscimo de 0,3% em seu valor adicionado decorreu principalmente do retrocesso de 1,0% da indústria de transformação. Nessa base comparativa, em 2018, a indústria de transformação só cresceu no terceiro trimestre. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água (serviços industriais de utilidade pública – SIUP) foi o destaque positivo, crescendo 3,9%. A extração mineral e a construção também cresceram: 1,9% e 0,1%, respectivamente.

Comparando último quarto de 2018 e igual período de 2017, a queda de 0,5% do VA industrial também contou com retração da indústria de transformação, de 1,5%. Nessa comparação, a construção também declinou, taxa de -2,2%. No sentido contrário, os SIUP e a indústria extrativa cresceram 4,6% e 3,9%, respectivamente.

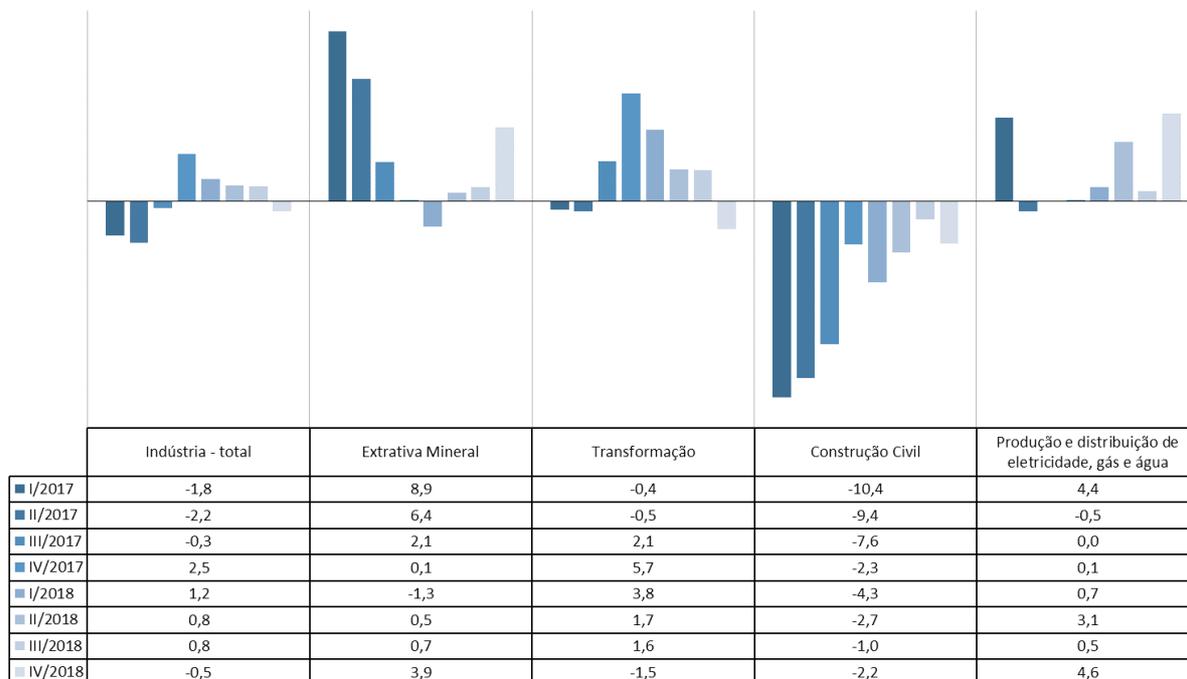
No acumulado do ano, como antes visto, o setor industrial cresceu 0,6%. Nesse caso, a indústria de transformação contribuiu positivamente, 1,3%, com os SIUP mais uma vez se destacando, incremento de 2,3%. A extração mineral cresceu 1,0%. A construção foi a única seção industrial cujo VA retrocedeu em 2018, taxa de -2,5%.

PIB - Indústria Total e Segmentos Industriais
Variação % no Trim. com Relação ao Trim. Anterior com Ajuste Sazonal



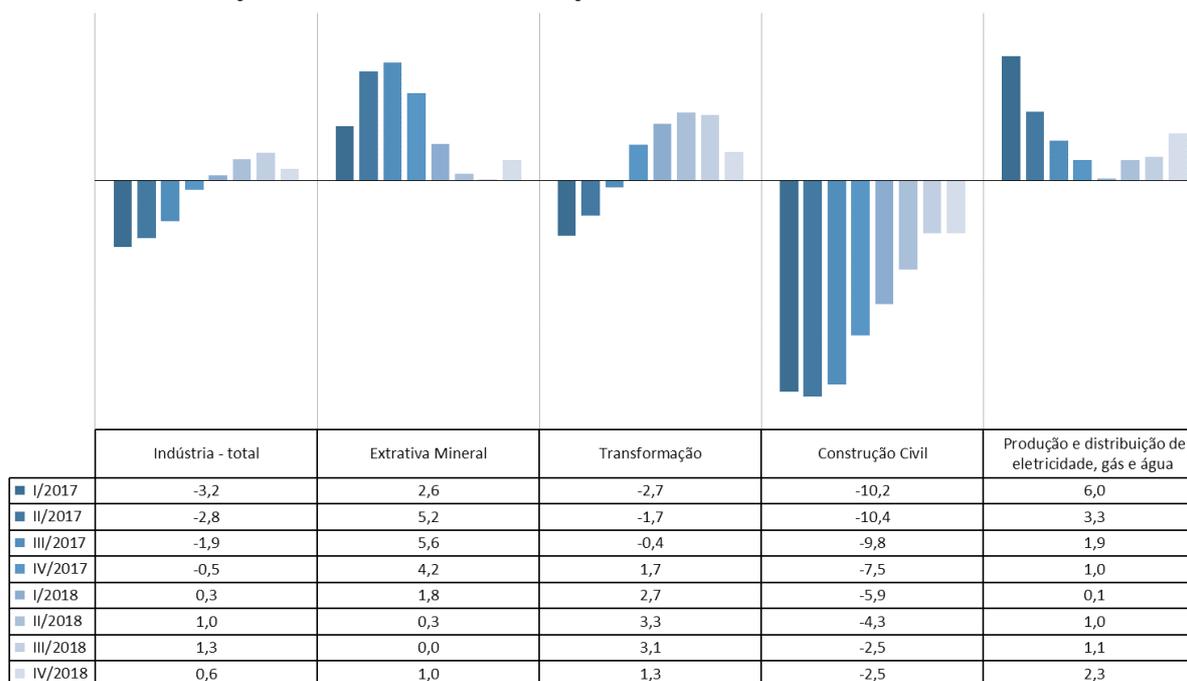
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB - Indústria Total e Segmentos Industriais
Varição % no Trim. com Relação ao Mesmo Trim. do Ano Anterior



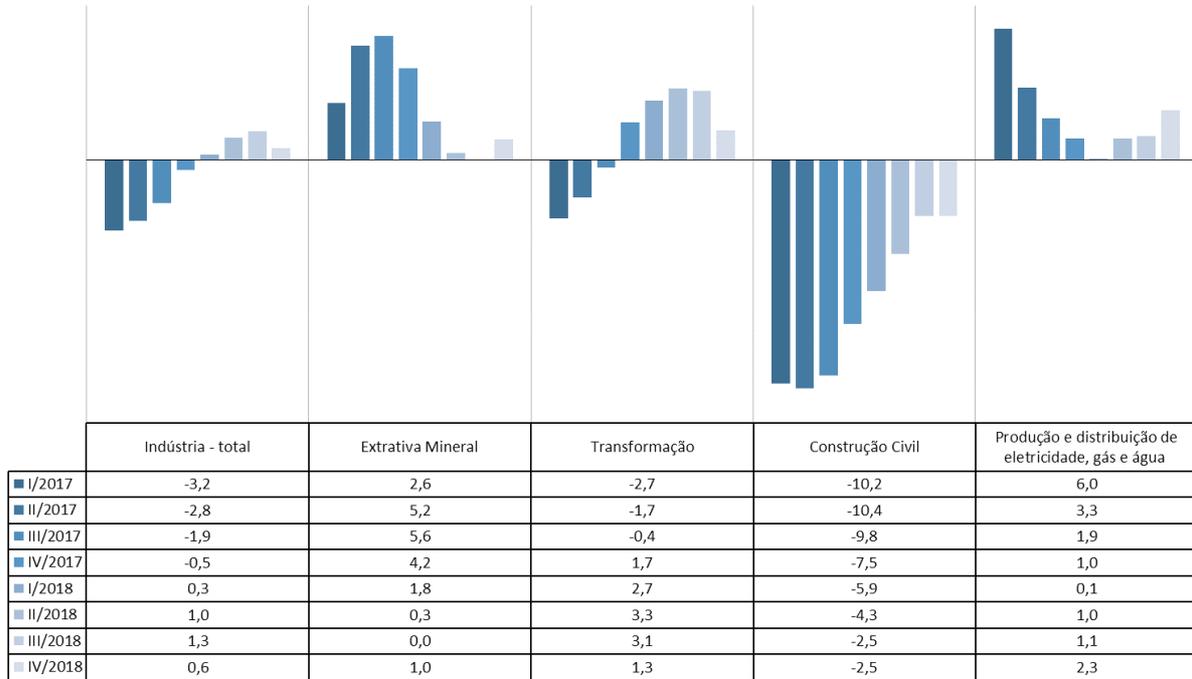
Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB - Indústria Total e Segmentos Industriais
Varição % Acum. no Ano com Relação ao Mesmo Período do Ano Anterior



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

PIB - Indústria Total e Segmentos Industriais
Varição % nos Últimos 4 Trim. com Relação aos 4 Trim. Anteriores



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

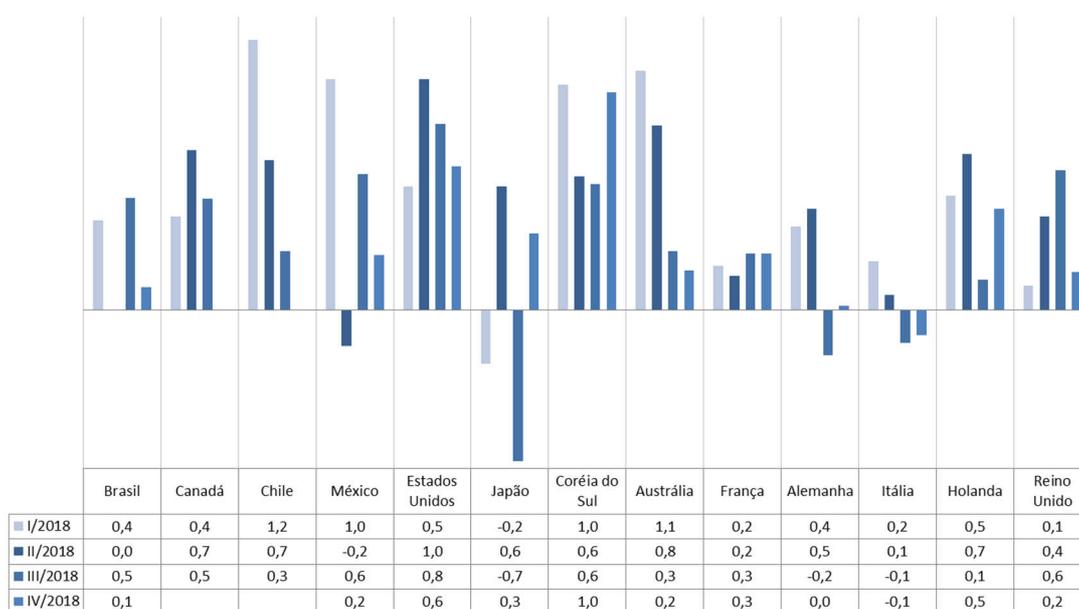
O Brasil frente a outras economias – o desempenho no 4º trimestre

Conforme estimativas do FMI, o mundo cresceu 3,7% em 2018, quase a mesma registrada em 2017, 3,8%. O discreto crescimento do Brasil em 2018 deixou bem a desejar no âmbito mundial, como também se mostra muito aquém do que necessita principalmente em face do recessivo biênio 2015-2016, descolando do desempenho mundial. Dessa forma, vale confrontar o desempenho do produto agregado do Brasil com o de outros países.

O contraponto frente a países membros da OCDE pela variação trimestre contra trimestre imediatamente anterior (dados dessazonalizados) pode até dar a impressão que a economia brasileira vai bem: cresceu em praticamente todos os períodos de 2017 e 2018. Como visto, o PIB brasileiro registrou taxa de 0,1%, tendo crescido 0,5% em julho-setembro, 0,0% em abril-junho e 0,4% no primeiro trimestre. Todavia os oito trimestres sem taxas negativas foram antecidos por oito trimestres de retração. Todos os países americanos da OCDE apresentados no gráfico – Canadá, EUA, México e Chile – ou tiveram taxas positivas ou ficaram estagnados em outubro-dezembro. EUA e Coreia do Sul lograram as maiores taxas. Aliás, somente a Itália experimentou taxa negativa no quarto derradeiro de 2018.

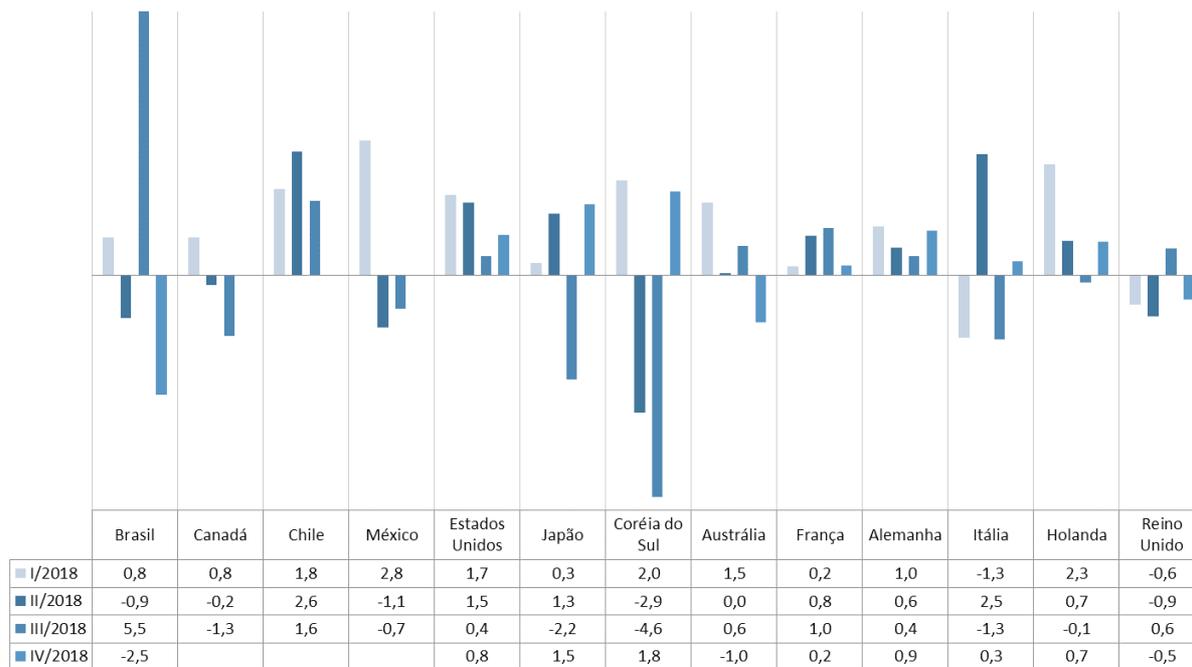
Passando para o investimento fixo, o Brasil sofreu um revés em outubro-dezembro, taxa de -2,5%, após uma taxa elevada no terceiro trimestre. Austrália e Reino Unido também registraram decréscimo no último trimestre. Coreia do Sul, novamente, e Japão aparecem com os melhores desempenhos: 1,8% e 1,5%, respectivamente.

Países Selecionados - PIB Trimestral
Variação % no Trim. com Relação ao Trim. Anterior com Ajuste Sazonal



Fonte: IBGE para o Brasil e OCDE, Quarterly National Accounts Database.

Países Selecionados - FBCF Trimestral
Variação % no Trim. com Relação ao Trim. Anterior com Ajuste Sazonal



Fonte: IBGE para o Brasil e OCDE, Quarterly National Accounts Database.

O Brasil frente a outras economias – projeções para 2019

As expectativas de mercado, apuradas no relatório Focus do Banco Central em 01/03/2019, foram de incremento de 2,3% em 2019 e de 2,7% em 2020. As expectativas constantes do relatório Focus se apresentam mais otimistas que as projeções divulgadas pelo OCDE Interim Economic Outlook divulgado no último dia 6, apontando taxa de 1,9% para 2019 e de 2,4% para 2020. Segundo o Fundo, as taxas ficariam em 2,5% em 2019 e 2,2% em 2020. O WESP da ONU, divulgado em janeiro, projetou expansão de 2,1% para esse ano e de 2,5% para o próximo. O que mais tem preocupado é o fato das expectativas já estarem sendo refeitas para baixo, enquanto o investimento fixo não tem demonstrado fôlego, mesmo com a expansão do ano.

Brasil - Projeções do PIB por Fontes Diferentes Variação Anual (%)

	2019	2020
BCB/ Focus (01/03/19)*	2,3	2,7
OCDE Interim Economic Outlook (06/03/19)	1,9	2,4
FMI-WEO Update (jan/19)	2,5	2,2
ONU/ WESP (jan/19)	2,1	2,5

Fonte: ONU/ World Economic and Social Prospects, 2019; FMI-WEO Update jan. 2019; OCDE Interim Economic Outlook, 6 mar. 2019; BCB/GERIN. Focus - Relatório de Mercado, 1 mar. 2019.

* Expectativa de mercado.

No caso da atualização de janeiro último do World Economic Outlook do FMI, estas trazem também projeções para outros países. Assim, embora anteriores à divulgação dos dados mais recentes do Brasil, permitem um comparativo entre taxas de crescimento projetadas de vários países para 2019 e 2020.

Um ponto a se salientar reside no fato do WEO Update do FMI ter revisto para baixo, ainda que bem discretamente, as projeções para o Mundo feitas no segundo semestre de

2018. Tanto economias avançadas, quanto em desenvolvimento devem crescer menos do que se projetava em fins do ano passado.

O hiato entre o Brasil e o mundo pode ser visto na expansão projetada para este de 3,5% para 2019 e de 3,6% para 2020, variações acima não só da que o FMI projeta para o Brasil, como também das expectativas levantadas no Relatório Focus. As Economias Avançadas deverão crescer 2,0% e 1,7%, com o subgrupo das Outras Economias Avançadas devendo apresentar taxa média de 2,5%. Tal subconjunto das economias avançadas engloba as novas economias avançadas asiáticas.

Quanto aos países emergentes e em desenvolvimento, as taxas projetadas do PIB são ainda maiores, de 4,5% e 4,9%, respectivamente, puxadas principalmente pelas economias em desenvolvimento da Ásia (exclusive Oriente Médio), com taxas projetadas de 6,3% em 2019 e de 6,4% no ano seguinte. A Comunidade dos Estados Independentes, a seu turno, tem projetadas variações de 2,2% em 2019 e de 2,3% em 2020. A África Subsaariana possui taxas projetadas de 3,5% e de 3,6%, respectivamente.

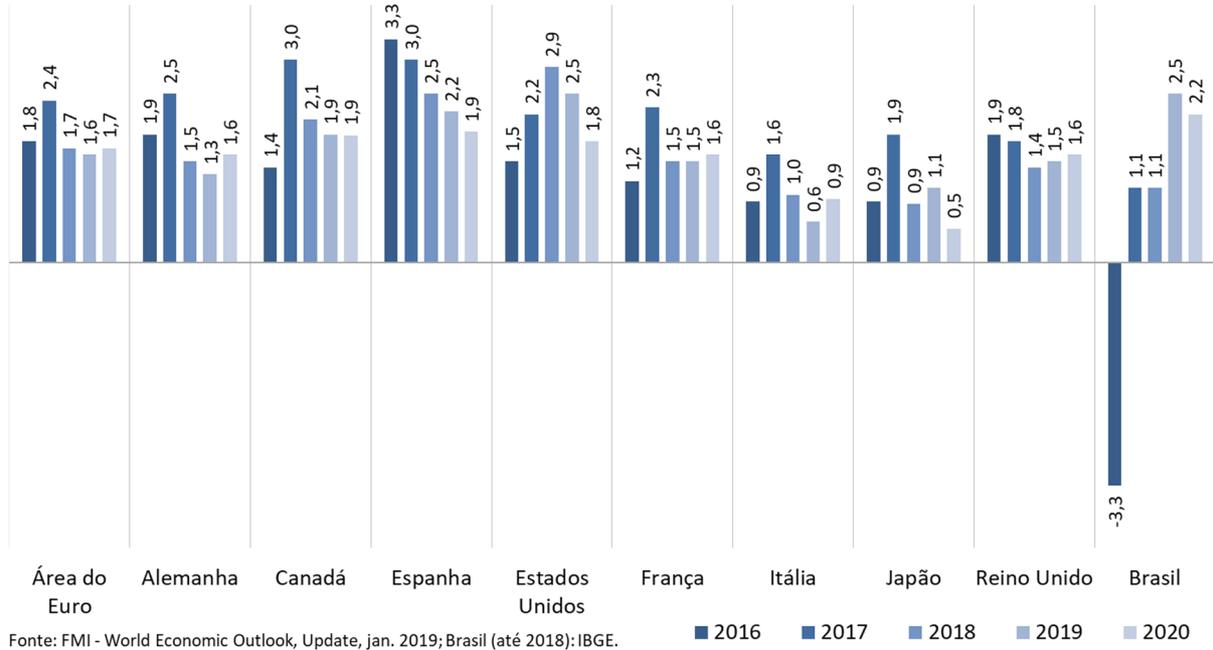
O Fundo projetou para a América Latina & Caribe incremento de 2,0% em 2019 e de 2,5% no ano subsequente. Com os países vizinhos com pouco dinamismo, as exportações brasileiras devem ter menos espaço para crescer, o que já afetou as vendas externas em 2018 em decorrência das dificuldades da Argentina.

O contraste maior se encontra na comparação entre as projeções para o Brasil *vis-à-vis* as da China e Índia. Para o primeiro, o Fundo projetou incremento de 6,2% em média para o biênio, mostrando fôlego do País, mas com desaceleração, ensejando dificuldades para as commodities brasileiras. Para a Índia, as taxas projetadas também chamam a atenção: 7,5% e 7,7% para 2019 e 2020, respectivamente.

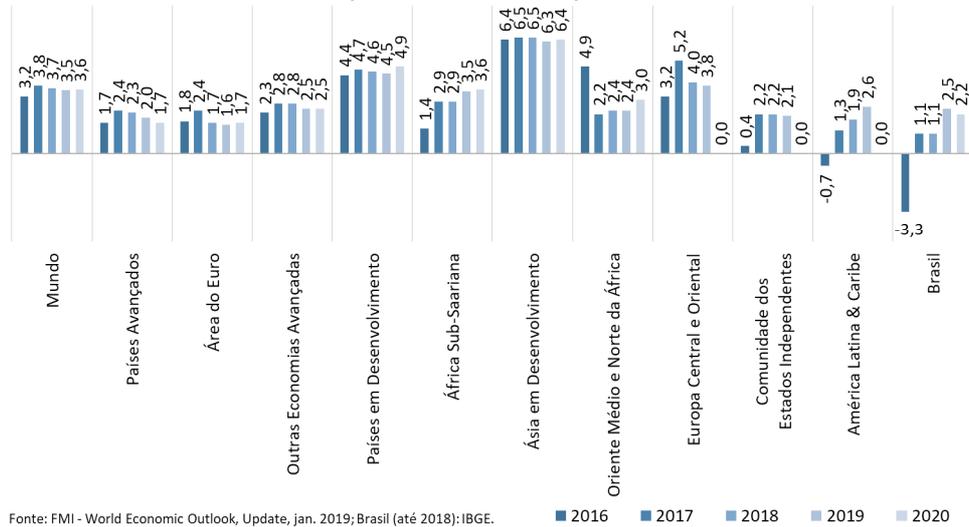
No âmbito dos BRICS, a Rússia é o país com desempenho mais próximo ao do Brasil, devendo crescer menos: 1,6% em 2019 e 1,7% em 2020. Já para a África do Sul, é projetado incremento de 1,4% para 2018 e de 1,7% para 2019. Saindo dos BRICS, o México tem expansão projetada de 2,1% para o ano em curso e de 2,2% para o próximo.

Mesmo considerando o desempenho projetado paralelo de alguns países, não se pode negligenciar que a maioria destes não enfrentou o encolhimento econômico pelo qual o Brasil passou em 2015 e 2016.

Brasil e Países Avançados Selecionados Evolução do PIB Real - Variação % Anual



Brasil e Agregados de Países Selecionados Evolução do PIB Real - Variação % Anual



BRICS e México - Evolução do PIB Real - Variação % Anual

